

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ASPECTOS MACRO E MICROESTRUTURAIS EM TEXTOS DE INGRESSOS NO CURSO DE LETRAS UEMS/DOURADOS: AUTOAVALIAÇÃO E REESCRITA

Geraldo José da Silva (UEMS)

gera.silva@terra.com.br

INTRODUÇÃO

A linguagem humana tem muitas faces e conhecê-las é salutar para que possamos nos constituir como sujeitos de nosso dito. Compreender a língua é saber avaliar e interpretar o ato interlocutivo e tomar consciência e responsabilidade pelo que se diz/escreve. Nessa perspectiva, é válido lembrar o que Garcez (1998) argumenta, que é preciso ter clara a noção de adequação, como: o quê, quando, com quem, onde e de que maneira falar. Fica-nos também que a escrita implica essas noções, visto que o nosso interlocutor determina o como escrever.

O presente trabalho objetiva analisar o processo de construção e reconstrução de textos dissertativos de ingressos 2007 no Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, *campus* de Dourados-MS. A produção textual em questão é fruto de um projeto de pesquisa desenvolvido de 2007 a 2009.

A atividade proposta foi realizada em dois momentos: primeiro, os alunos fizeram uma das proposições redacionais constantes no caderno do exame vestibular ocorrido em dezembro de 2006 e, em seguida, realizaram a autoavaliação e a reescrita. Os resultados mostram o quanto é necessário oportunizar aos alunos avaliarem seus próprios textos, sob a perspectiva da Linguística Textual, destacando-se os aspectos macro e microestruturais constituintes do texto. Dada a complexidade que o tema encerra, limitamo-nos, neste artigo, a mostrar o progresso qualitativo em um texto como amostragem da pesquisa desenvolvida.

1. Fundamentação teórica

1.1. Linguagem: uma abordagem interacionista

A linguagem é uma atividade humana passível de adequação no tempo e no espaço, levando-se em conta o seu uso em determinada sociedade. Isso implica a noção de competência de produção e compreensão de enunciados e a habilidade do indivíduo na construção de sentenças apropriadas à situação. Dessa forma, é preciso ter clara a noção de adequação como: o quê, quando, com quem, onde e de que maneira falar. Garcez (1998) destaca a relevância que a experiência social, com suas necessidades motivadoras, traz no que se refere à aquisição da língua. Assim sendo, a língua promove a renovação da experiência comunicativa no contexto social num círculo infinito. Adiciona a autora que “a língua é organizada e usada para lamentar, rejeitar, suplicar, advertir, persuadir, comandar” (GARCEZ, 1998, p. 47)

Vê-se que a linguagem é uma competência de alta complexidade e sua mobilidade ancora sua utilidade e funcionamento quando da necessidade de comunicação em situações distintas. Vale lembrar que escrever não tem como objeto único o leitor particular ou real, mas as representações de leitor e de autor com as quais o autor gostaria de se identificar e, também, um conjunto de representações e de ideias mais complexo e difuso com o qual quer contribuir e ao qual pretende pertencer.

Somando a essa perspectiva, Benveniste (1991, p. 284 a 293) argumenta que a linguagem é um meio de comunicação complexo e eficaz entre os homens. Evidencia, ainda, que a condição de subjetividade é relevante para a comunicação linguística.

Garcez (1998, p.47) lembra que, com os estudos de Austin (1962), Searle (1969), Benveniste (1970) e Ducrot (1972), a interação verbal e as relações coletivas e sociais, constitutivas dos jogos de linguagem passam a ser elementos fundamentais na conjugação e articulação da língua. Nessa acepção, a língua deixa de ser entendida apenas como um objeto imutável de memória coletiva e passa a ser concebida também como uma forma de ação, um modo de vida social, no qual a situação da enunciação e as condições discursivas são determinantes de sua função e, logo, de seu significado e de sua in-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

interpretação. A linguagem não é neutra em se tratando de enunciação, pois toma sentido em vários níveis e considera *o eu, o aqui e o agora* na sua efetivação e, além do mais, nela pode estar presente uma rede de valores discursivos.

Em consonância com a autora, percebemos que dada à multiplicidade de recursos expressivos que a língua encerra, nenhum enunciado, isoladamente, é suficiente para termos uma interpretação unívoca, ele depende de diversos contratos sociais como: situação, contexto, relação entre interlocutores, leis conversacionais e sistemas de referência para que se constitua como tal.

Para Koch (2002, p. 26), textos são resultados da atividade verbal de indivíduos atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza. Conforme a autora, podemos depreender que a produção textual é uma atividade verbal, consciente, criativa e interacional. Oportuno lembrar que toda interação leva em conta a negociação de uma definição da própria situação e das normas que a governam o que nos leva a entender que as estratégias interacionais estão para um jogo de linguagem que diz respeito à produção de sentido na consecução da macroestrutura textual.

Ao nos reportarmos à interação verbal, é válido ter em mente que “toda palavra comporta duas faces e ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém” (BAKHTIN, 1992, p.113). Nesse contexto, a palavra deve ser o território comum do locutor e do interlocutor, levando-se em consideração a situação de uso imediato. Num processo interativo da linguagem, o interlocutor determina o dizer do locutor, uma vez que o contexto social imediato serve de base para que a comunicabilidade se instaure.

Em consonância com Bakhtin (1992), Ducrot (1987, p.176) argumenta que a realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dada existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois. É essa aparição momentânea que o autor chama “enunciação”. Acrescenta o autor que o sentido do enunciado é simplesmente o que a enunciação obriga.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Ainda ao respeito da discussão sobre enunciação e enunciado, Ducrot (1987) traz à tona as funções enunciativo-discursivas, nas quais apresenta como elementos constitutivos do enunciado as figuras do locutor e do enunciador. O autor entende por locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que se refere o pronome EU e as outras marcas de primeira pessoa presentes no discurso. Vale lembrar que esse locutor, ser do discurso, é diferente do sujeito falante, empírico, real. Vê-se que o locutor fala, relata, ou seja, ele é dado como a fonte do discurso, podendo-se atribuir suas atitudes discursivas a enunciadores dos quais se distancia ou se aproxima, dependendo da cena enunciativa posta em voga.

Para Bakhtin (1992), a língua é um produto sócio-histórico e uma forma de interação social realizada por meio de enunciações. “a interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 1992, p. 123). Em consonância com o autor, vemos que o outro está sempre presente nas formulações do autor e tem tanto a função de quem recebe como também de quem permite ao locutor o seu próprio enunciado. Assim, todo enunciado se elabora em função do outro o que nos permite considerar que o interlocutor é constitutivo do próprio ato de produção da linguagem. Logo, um enunciado deve ser analisado levando-se em conta sua orientação para o outro.

1.2. O texto e sua produção

A união entre os sentidos das frases é o que torna um texto coerente, ou seja, em um texto não há um significado dividido em partes, todas as partes de um texto estão relacionadas entre si, assim, o texto torna-se coerente e coeso. Segundo Platão; Fiorin (1998), outra característica de um texto é seu caráter histórico, no qual, um indivíduo deixa marcas ideológico-discursivas ao descrever e registrar os acontecimentos, os pensamentos e os interesses de um grupo social em determinada época.

Dentro desse conceito de caráter histórico, em que o sujeito registra os interesses de um determinado grupo social, o discurso é a chave fundamental para a construção de um texto, pois é por meio

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

dele que o produtor do texto manifesta suas ideias e seu ponto de vista. Para os autores, “um discurso é sempre, pois, a manifestação de uma maneira social de considerar uma questão” (PLATÃO; FIORIN, 1998, p. 30).

A produção textual pode ser definida como um fator linguístico comunicativo, tanto escrito, quanto falado. Como afirma Costa Val (1999) em seu ensaio, no qual defende que em todo discurso falado há uma produção concreta de um texto, e não palavra dita aleatoriamente, confirmando aquilo que já dissemos anteriormente, que um texto não se constrói em partes isoladas, mas sim, uma dependendo da outra.

Outras considerações podem ser feitas a respeito da significação do termo texto. Elisa Guimarães (1993), como Costa Val (1999) consideram o texto uma unidade comunicativa oral ou escrita, e defendem a ideia de que um texto pode ter uma extensão longa ou curta, com informações atuais, ou antigas.

Costa Val (1999) acrescenta mais três conceitos: o conceito pragmático, no qual, o texto tem a função de informar e comunicar; o semântico-conceitual, que está relacionado ao sentido do texto (a coerência); e o formal, em que se direciona ao aspecto léxico e gramatical na superfície do texto (a coesão). O sentido de um texto é marcado com informações adquiridas muitas vezes de outros textos, daí a noção de que a linguagem de um texto é heterogênea. De acordo com Platão e Fiorin (1998), duas visões sociais, ou dois pontos de vista são colocados em discussão dentro de um enunciado.

Para Pacheco (1998), escrever é comunicar, é transmitir uma mensagem ao leitor. E ressalta que para quem quer se comunicar e ser bem compreendido precisa ser claro, bem organizado nos seus atos de comunicação. Em consonância com o autor, vemos que um texto dissertativo, para ser bem entendido, precisa ter uma estrutura bem organizada. O autor afirma que o texto não deve ser um amontoado de frases soltas, mas deve ser um todo coerente e significativo, não basta jogar as ideias caoticamente no papel, não conseguindo criar uma linha de raciocínio, não relacionando uma ideia com outra, não provocando absolutamente nada.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Em nosso trabalho, priorizamos a tipologia dissertativa que consideramos ser um campo fértil de manifestação da argumentatividade que implica substancialmente os aspectos de coerência e de coesão textuais. Vale lembrar que esse tipo de texto é uma prática mais evidenciada na escolaridade dos alunos, principalmente no Ensino Médio. Espera-se que os alunos tenham um conhecimento basilar para a produção consciente dessa tipologia textual.

O texto dissertativo, como sabemos, é um tipo de discurso com um determinado assunto amplo, no qual, o produtor defende seu ponto de vista, através de análises, questionamentos e críticas. Suas ideias não nascem aleatoriamente, e sim de um exercício feito através de observação que o sujeito faz sobre o mundo, ou seja, é nesse tipo de texto que o conhecimento de mundo do produtor está sendo testado. Como o texto dissertativo coloca em foco vários assuntos de naturezas distintas, o produtor deverá apresentar-se como um crítico-analítico, para manter relações de concordância ou discordância sobre o tema discutido e emitir juízo de valor.

A formação discursiva não é um processo individual e solitário, isto é, se constitui através das circunstâncias conjuntas que englobam os aspectos socioeconômico e cultural. A esse respeito, Citelli (1994, p. 18) argumenta que quando falamos/escrevemos, ouvimos/lemos, realizamos atos de linguagem circunstanciados por um conjunto de valores e experiências socioculturais em que estamos inseridos.

O poder de persuasão sobre o receptor tem o objetivo de estabelecer um possível pacto entre as partes, isso não significa que o receptor deixará de acreditar no que pensa. Mas se os argumentos persuasivos do produtor apresentarem características lógicas, plausíveis e sustentáveis, o receptor passará a reconhecê-las como legítimas. Em outras palavras, qualquer ideia expressa em defesa de outra palavra, e que deixa claro o interesse do produtor, ou que alcance o conhecimento de mundo do receptor, mantendo a harmonia textual, é considerado um recurso argumentativo.

1.3. Textualidade: aspectos macro e microestruturais

Para Costa Val (1999), a coerência é o principal aspecto responsável pela textualidade, pois é ela que dá sentido ao texto. Segundo a autora, a coerência é marcada também pelo fator da continuidade, ou seja, para que um texto tenha um bom nível de coerência, é imprescindível que o produtor retome conceitos já ditos anteriormente dentro do texto, fazendo com que permaneça a unidade textual.

Considerando o processo articulatório do texto, o título assume papel orientador da temática a ser desenvolvida. Assim, vale lembrar que o título é frase nominativa resumitiva que deve ser expandida por meio dos argumentos constitutivos do texto. Outro aspecto muito importante para que um texto seja coerente, é a progressão textual que trata do processo de elencar e atribuir dados novos aos enunciados anteriores.

A autora assevera ainda que a retomada de conceitos deve fazer parte da estrutura do texto, desde que a essas retomadas sejam introduzidas informações novas concretas, pois, ao contrário, o texto se tornará repetitivo.

Na esteira de Koch (2002), a progressão textual coloca em relevância os procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem a segmentação do texto, partes da enunciação, constituição paragrafaçal, além dos diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir. Acrescenta a autora que as atividades formulativas do texto em que o produtor lança mão no seu fazer textual incide em reiterações de itens lexicais, paralelismos, paráfrases, recorrência de elementos fonológicos, de tempos verbais, sintagmas nominais e outros. Outro fator merecedor de atenção na progressão temática é a continuidade de sentidos do texto. Essa, por sua vez, contribui sobremaneira para a globalidade textual, diluída em continuidade referencial, temática e tópica.

Para Fávero (2003), a coerência é macrotextual, porque trata não só do nível superficial de um texto, mas é, através dela, que se pode fazer má interpretação, ou uma análise mais profunda dos elementos e conceitos que estão no interior de um texto. A autora chama atenção para o fato de que não basta um texto ser linguisticamente

correto, ou seja, o seu aspecto formal sem “erros” gramaticais que o torne um bom texto, mas é preciso que, além disso, traga harmonia e informatividade lógica no seu todo.

1.4. Textualidade: aspectos microestruturais

Outro fator importante para a construção de um texto é a coesão. Fávero (2003) apresenta esse aspecto microtextual como fator relevante na construção dos enunciados, isto é, as palavras, ou frases estão ligadas através de mecanismos que se apresentam no texto explicitamente em sua superfície com a função de orientar os sentidos.

A autora alerta ainda que a coesão não é fator único para a formação textual, já que há casos de textos marcados por mecanismos, ou elementos coesivos, que não são suficientes para dar ao texto uma unidade de significação. Há textos que não são formados pelo fator da coesão, mas mesmo assim, há uma sequência de sentidos que podem ser notados pelo fator da coerência.

Platão e Fiorin (1998) afirmam que em um texto é preciso que haja uma linearidade entre as palavras, frases ou períodos. Sendo assim, o texto mostra que não é um agrupamento de palavras e frases. Os autores argumentam que essa organização se dá através da coesão textual, responsável pela unidade formal entre os componentes de uma produção, e essa unidade se faz através de elementos coesivos, tais como: conjunções, pronomes, entre outros. Esses elementos coesivos têm a função de manter um elo dentro do texto.

No que se refere aos argumentos de coesão, os autores mencionam mecanismos importantes como coesão por retomada ou por antecipação. Esses mecanismos encontram-se nos pronomes demonstrativos, relativos, em alguns advérbios e locuções adverbiais e nos verbos ser e fazer. Todos esses mecanismos podem ser anafóricos (retomada) e catafóricos (antecipação). O uso inadequado desses elementos coesivos pode levar à ambiguidade textual, causando um duplo sentido na compreensão. Logo, a escolha dos operadores argumentativos pelos locutores é fundamental não só para o estabelecimento da coesão interna dos parágrafos, mas também para a manifestação dos pontos de vista em textos de diversos gêneros.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

2. Aspectos metodológicos e análise do corpus

2.1. Apresentação da proposta

A proposta geradora da produção textual se deu a partir da proposta redacional número 2 do caderno de questões do vestibular da UEMS. A primeira versão dos textos ocorreu no primeiro bimestre de 2007 e no segundo semestre/07 foi feita a autoavaliação e reescrita. Para esse processo auto-avaliativo, os alunos deveriam atentar para as seguintes questões de nível macroestrutural: a) Seu texto atende ao tema e à proposta de feitura textual?; b) Há pertinência entre o título e o texto?; c) Há sequência lógica dos argumentos discorridos?; d) Quanto à informatividade, seu texto progride ou repousa no senso comum?.

Já no nível microestrutural, deveriam considerar itens como: a) Observar o uso dos operadores argumentativos e dos marcadores textuais para a manutenção da coesão; b) Verificar a sintaxe de regência e de concordância verbo-nominal; c) Verificar o uso da pontuação e da acentuação gráfica; d) Após o estudo da tipologia “texto dissertativo”, você reescreveria seu texto? Por quê?

Após leitura, análise e avaliação dos textos, seguiu-se o processo de reescrita.

3. Análise do corpus

Apresentamos um panorama geral dos dados sobre a atividade proposta. Vale lembrar que dos 61 alunos que fizeram a primeira versão apenas 58 realizaram a autoavaliação e a reescrita.

3.1. Análise geral da autoavaliação

No nível macroestrutural, todos os alunos atenderam ao tema proposto. A maioria conseguiu imprimir pertinência entre o título e o texto. Quanto à questão da sequência lógica dos argumentos, grande parte dos produtores afirmou que conseguiu atingi-la. Questionados sobre a informatividade, se houve progressão ou repouso no senso comum, apenas 17 alunos afirmaram que houve progressão. Por ou-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

tro lado, 41 alunos concluíram que seus textos repousam no senso comum. Esses dados justificam a atividade proposta.

No nível microestrutural, todos os alunos reconheceram que cometeram algum deslize quanto ao uso dos operadores argumentativos e também alguns danos à norma padrão no que diz respeito à pontuação, sintaxe de regência e de concordância verbo-nominal. Indagados se “após o estudo da tipologia – texto dissertativo –”, reescreveriam seus textos e por quê?, todos responderam que sim. Isto fica claro no depoimento: “Com certeza! Porque durante o ensino médio é a tipologia mais cobrada pela professora de redação, mas as professoras não contextualizam este tipo textual. E o uso de senso comum era frequente; pois não tinha conhecimento do assunto proposto.” (S.R.S.)

Como se vê, o aluno tem consciência de que a escrita não é fruto apenas da inspiração, mas sim de muito trabalho. Vale lembrar o que Geraldi (2001, p. 19) argumenta sobre o ato de produção textual destacando que o aluno é um sujeito pronto, que se apropriando da língua, atualiza-a no seu dizer, organizando seus pensamentos. Com isso, devolver a palavra ao aluno para reflexão e reescrita textual é uma atitude plausível visto que o processo interativo entre professor e aluno é possível com atividades planejadas. Geraldi (2001, p. 22) acrescenta que conceber o aluno como produtor de textos é concebê-lo como participante ativo desse diálogo contínuo com textos e com leitores.

3.2. Análise pontual de um texto significativo quanto às mudanças

Apresentamos uma análise que engloba a primeira e a segunda versão de um texto do *corpus* pesquisado a título de exemplificação. Verificamos mudanças significativas no processo de reescrita do texto.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

3.2.1. 1ª versão (TIA17 – autor L.M.M)

Título: *Casa suja!*

Nos últimos tempos, o Brasil vem sofrendo grandes problemas em relação à violência. Em se tratando de violência são assuntos extremamente preocupantes. Porque envolve toda a sociedade de uma maneira geral. A violência vem tomando conta do Brasil, principalmente nas grandes metrópoles, de preferência onde existem favelas, onde pessoas que vivem em situações precárias, pessoas que escolhem a vida do crime para viver, matar ou morrerem.

Quando se pergunta de quem é a culpa: dos criminosos, da polícia, ou dos governantes? Enquanto ficam discutindo de quem será essa culpa, a sociedade que paga seus impostos em dia, vive em constante angústia, vive aterrorizada. Enquanto políticos corruptos vivem discutindo ou decidindo em que país depositará o dinheiro que ganhou desonestamente, a sociedade, o povo continua sem respostas para Tana sujeira, para tanto desrespeito com a mesma.

A sociedade perdeu totalmente a confiança em seus governantes. O governo teria que mudar radicalmente a política no Brasil, limpar, varrer esta política suja, imunda dentro do governo. Enquanto isso vier a acontecer, a violência vai continuar, os políticos vão continuar fazendo politicagem e a sociedade vai continuar na espera ou torcendo para as próximas eleições...

3.2.2. 2ª versão (TIA17 – autor L.M.M)

Título: *Violência gritante*

Nos últimos tempos, o Brasil vem sofrendo grandes problemas em decorrência da violência. Criminosos de alto nível aterrorizam a população dos médios e grandes centros. As pessoas já não podem sair mais de dentro de seus lares porque o terror está instalado e a insegurança aumenta.

A violência avança sem limites e as pessoas são alvo de assaltantes a todo momento. Aqueles que ainda não foram vítimas da violência urbana pelo menos conhecem alguém que passou por maus momentos nas mãos de marginais. Todos, independentes de classe social, vivem com medo de sair às ruas. As famílias estão cada vez mais se refugindo em suas casas, instalando cercas elétricas, grades, alarmes e investindo em vigilância privada, enquanto os bandidos estão cada vez mais audaciosos, inescrupulosos e violentos.

De fato, combater o crime organizado é muito difícil, pois este se constitui em verdadeiras organizações criminosas que tentam intimidar nossas instituições de segurança pública. Assim para se ter um eficaz combate ao crime organizado é necessário que a corrupção seja banida

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

inclusive nos poderes que governam este país. Há que se ter leis rígidas que também punam agentes e policiais envolvidos com o crime organizado.

Caso não haja um esforço conjunto das forças vivas da nação, sociedade civil, dos governantes, e especialmente dos órgãos envolvidos na obrigação e tarefa de reprimir esse tipo de criminalidade, a tendência é o agravamento da realidade. Não precisamos de governo paralelo 'organizações criminosas' e sim de um governo que faça valer nosso voto visto que o elegemos.

O texto acima, em sua primeira versão, apresenta, macroestruturalmente, algumas falhas que merecem uma reflexão do ponto de vista de sua constituição. A começar pelo título "Cara suja!" que é uma expressão exclamativa de cunho genérico. Considerando que o título deve ser uma frase sumarizadora e que anuncia de forma sucinta o que será lido, não se consegue ter essa noção no caso do texto em questão. Além disso, se distancia do parágrafo introdutório que destaca a questão da violência. É possível inferir que o autor do texto titulou seu texto por mero cumprimento formal.

Outro fator relevante na macroestrutura do texto é a lógica e a progressão temática. A esse respeito, o autor do texto até que consegue manter o tema 'violência' ao longo do texto, mas de forma genérica. Como o tema proposto era o governo paralelo, representado pelo PCC, nota-se que essa questão não foi expandida/discutida com profundidade. Com relação à informatividade, o texto não avança e repousa no senso comum. Os argumentos são frágeis e lineares. Além disso, no segundo parágrafo há uma pergunta genérica que não é respondida, apenas circunstancia situações a serem resolvidas. No terceiro parágrafo, há uma declaração sumarizada de um julgamento muito pessoalizado. Na conclusão, o último período apresenta ideias lineares e pouco consistentes. Isso demonstra que a não observância dos aspectos de textualidade compromete sua clareza e qualidade.

Este mesmo texto, em sua segunda versão, apresentou melhoras consideráveis quanto aos aspectos macro e microestruturais. Veja-se pelo novo título "Violência gritante" que vai ser diluído ao longo do texto. Isto é perceptível logo na introdução com a tese apresentada pelo autor do texto que é o aumento da violência e as suas consequências. O título também está de acordo com a temática sugerida.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Nota-se, no segundo parágrafo, uma ampliação da tese contida na introdução. Já no terceiro parágrafo percebe-se uma boa articulação dos argumentos, em que se destaca a gravidade do problema da violência no país e a dificuldade de combatê-la, mas não se descarta uma possível solução. Na conclusão, apresenta-se uma solução coletiva com a soma da força de todos os seguimentos sociais.

Como se vê, o autor apresenta avanços na construção textual. As mudanças presentificadas na segunda versão do texto qualificam e justificam o processo de autoavaliação e reescrita em todos os níveis de escolaridade, inclusive no Curso Superior. O processo é exaustivo, mas compensador visto que as Licenciaturas devem não só informar e formar os acadêmicos, mas também operacionalizar estratégias que garantam ao professorando melhor desempenho de suas funções docentes.

4. Considerações finais

A pesquisa desenvolvida e geradora desse artigo contribuiu para a reflexão tanto do proponente como dos alunos autores dos textos. Depreende-se que a escrita sempre será motivo de estudos e merecedora de pauta para ensinantes e aprendentes do texto. A leitura, mais do nunca, faz-se necessária para que os autores textuais possam se informar e se formar para emitir juízo de valor sobre assuntos que dizem respeito a todos e a si próprio no desempenho de sua cidadania. O ato de escrever é também um trabalho e, dessa forma, a instrumentalização com uma teoria e uma prática consistentes nos capacitam para que tenhamos maior alteridade de nosso dito tanto oral quanto escrito.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y.E. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 4. ed. Campinas: Pontes; UNICAMP, 1991.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

- CITELLI, A. *O texto argumentativo*. São Paulo: Scipione, 1994.
- COSTA VAL, M. da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Contexto, 1997.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GARCEZ, L.H.C. *A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto*. Brasília: UnB, 1998.
- GERALDI, J.W. Da redação à produção de textos. In: CHIAPINNI, Lígia. *Aprender e ensinar com textos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PACHECO, Ângelo de Carvalho. *A dissertação: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1988.
- PLATÃO, Francisco Savioli; FIORIN, José Luiz. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1998.